



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8058 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

### **CURRÍCULO E EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM AS CRIANÇAS EM SEUS DESENHOS?**

Ana Clarissa Gomes de França - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Daniela Cristina Nunes Mendes - Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFRSA

Elaine Luciana Sobral Dantas - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

### **CURRÍCULO E EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM AS CRIANÇAS EM SEUS DESENHOS?**

A Educação Infantil como etapa educativa, direito da criança desde bebê, com função sociopolítica e pedagógica que complementa de forma articulada a educação familiar, tem sido campo de debate nas últimas décadas, especialmente na construção de sua identidade. No âmbito do currículo, foram aprovados documentos de caráter obrigatório como as Diretrizes curriculares Nacional na Educação Infantil - DCNEI (BRASIL, 2009) que orientam como eixos da prática, as interações e a brincadeira e a garantia de experiências educativas nas práticas curriculares. E a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017), que organiza o currículo por Campos de Experiências, definindo Direitos e Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento.

Para pensar e construir os currículos e as práticas na Educação Infantil, considerando a centralidade das crianças, seu protagonismo e seus processos de aprendizagem e desenvolvimento é preciso, portanto, ir além, dar vez e ouvir a voz das crianças em suas diversas linguagens. Em nossos estudos, temos considerado a construção das imagens da criança como sujeito potente, a “criança como forte, competente, inteligente, um pedagogo poderoso, capaz de produzir teorias interessantes e desafiadoras, compreensões, perguntas – e desde o nascimento, não em uma idade avançada quando ficaram prontos”. (MOSS, 2005, p. 242).

Desse modo, as crianças podem nos dizer muito sobre o que precisa constituir os currículos e sobre suas experiências de aprendizagem no cotidiano das instituições educativas. Partimos dos seguintes questionamentos: quais sentidos as crianças podem construir sobre currículo e experiência? O que dizem as crianças em suas diversas linguagens sobre suas experiências? Se as crianças são sujeitos de direitos e devem ser ouvidas, compreendendo que ouvi-las consiste em assumir o “reconhecimento das crianças como agentes sociais” (CRUZ, 2008, p. 46), propomos neste trabalho exercitar essa escuta, na

perspectiva de “confrontar, conhecer um ponto de vista diferente daquele que nós seríamos capazes de ver e analisar no âmbito do mundo social de pertença dos adultos”. (Ibidem).

Reiteramos a concepção da criança como sujeito que aprende e se desenvolve nas interações mediadas pelo outro e pela linguagem (VIGOTSKI, 2007), que conhece e simboliza o mundo a partir de diferentes linguagens. E que, portanto, “nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura”. (BRASIL, 2009a, p. 01).

Compreendemos então, que tais práticas e experiências constituem ou precisam constituir os currículos na Educação Infantil, entendidos como [...] conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (Ibidem).

Sendo assim, consideramos que as práticas cotidianas desenvolvidas nas instituições educativas precisam garantir experiências que se constituam como transformadoras e ampliadoras dos saberes das crianças. Ou seja, “experiências concretas da vida cotidiana, para a aprendizagem da cultura, pelo convívio no espaço da vida coletiva nas interações com outras crianças e adultos e para a produção de narrativas, individuais e coletivas, por meio de diferentes linguagens”. (BRASIL, 2009b, p. 93).

Partindo desses pressupostos, a pesquisa aqui apresentada tem como referenciais teórico e metodológicos os fundamentos da abordagem histórico-cultural (VIGOTSKI, 2005; 2007) e alguns princípios da análise dialógica do discurso (BAKHTIN, 1995; 2003). Realizamos uma pesquisa empírica, com sessões de observação e entrevistas individuais e coletivas com crianças. Trazemos neste texto, nossas análises dos dados construídos nas entrevistas individuais desencadeadas a partir dos desenhos produzidos por crianças de uma instituição pública do RN, durante os anos de 2018 e 2019.

Sobre a utilização dos desenhos, nos inspiramos na pesquisa de Gobbi (2009) que investigava a visão das crianças sobre a escola, na qual ela indicou o tema dos desenhos das crianças e conjugou aos desenhos à fala de quem os produziu. Em nossa pesquisa propomos que as crianças produzissem desenhos sobre o que gostam de fazer na escola e o que acham que aprendem. Incentivamos que registrassem os espaços, os materiais e as atividades realizadas. E nas conversas individuais sobre os desenhos, fomos questionando sobre o que elas aprendem naquelas situações. Essa estratégia também é orientada por Cruz (2008, p. 49), quando define que “para conhecer seu ponto de vista, não pode centrar-se na oralidade, muito menos de forma exclusiva na escrita. Por isso há necessidade de cruzar fala ou diálogos em grupo com desenhos, com fotografias - feitas pela própria criança”.

Para registro, utilizamos a gravação de áudios e filmagem de cenas e diálogos. Realizamos a pesquisa em 3 turmas da Educação Infantil: Pré escola I em 2018, crianças de 4-5 anos; Pré escola II em 2018, crianças de 5-6 anos; Creche II em 2019, crianças de 3-4 anos. As turmas observadas constituem-se por 17 a 21 crianças e as professoras. Há uma rotina semanal estruturada que inclui atividades permanentes como o uso da televisão e a utilização do pátio um dia por semana - momento extra recreio. Apresentamos no quadro abaixo algumas das crianças que participaram das entrevistas e produção de desenhos, com uma breve caracterização: idade, gênero declarado pelos pais no ato da matrícula e a turma/ano.

#### **QUADRO 1 - CARACTERIZAÇÃO DAS CRIANÇAS (SUJEITOS DA PESQUISA)**

--

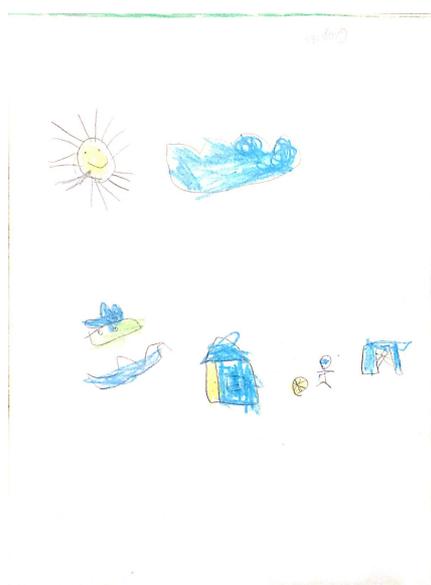
NOME	IDADE	GÊNERO	TURMA – ANO
DS	4 anos	MENINO	PRÉ 1 – 2018
MB	5 anos	MENINA	PRÉ 1 - 2018
NO	4 anos	MENINO	PRÉ 1 - 2018
KR	6 anos	MENINA	PRÉ 2 - 2018
AE	5 anos	MENINA	PRÉ 2 - 2018
BC	4 anos	MENINO	CRECHE 2 - 2019

Fonte: Construído pelas pesquisadoras (Diário de campo)

Selecionamos os desenhos e as entrevistas de seis crianças para analisar tendo como referência o que constitui os currículos e as experiências educativas na instituição pesquisada. Buscamos identificar, nas conversas com as crianças, as características e princípios que definem uma experiência de aprendizagem, *como a liberdade, continuidade e transformação* (DEWEY, 2011).

Os desenhos das crianças e suas interpretações sobre eles nos falam de um currículo que está vivo nas experiências cotidianas e nos sentidos construídos por elas, que nem sempre coincidem com o currículo planejado, instituído. Também nos mostram os modos como as crianças diferenciam as aprendizagens formais daquelas que ocorrem nas relações entre pares, nas entrelinhas do currículo vivido no dia a dia.

### Figura 1 - Desenho da Criança NO



#### *Conversa sobre o desenho*

*Pesquisadora: O que você aprendeu na escola?*

*Criança: A assistir.*

*Pesquisadora: Assistir o quê?*

*Criança: Filme. Pesquisadora: Assistiu com quem?*

*Criança: Com os amiguinhos.*

*Pesquisadora: Quem colocou o filme.*

*Criança: Tia.*

*Pesquisadora: Você aprende o que com o filme?*

*Criança: A ficar quieto na mesa. A gente senta no chão.*

*(Criança KR - Pré 1 - Setembro de 2018)*

Fonte - Acervo de Pesquisa

No desenho a criança traz figuras como casa, um boneco, uma bola, o sol e pássaros. E quando a pesquisadora pergunta sobre o que vem aprendendo na escola, que foi colocado em seu desenho, o menino traz na sua voz a presença marcante da televisão, aprendeu a “assistir filmes”. A televisão tem sido semanalmente usada na rotina das turmas na instituição pesquisada. Geralmente veem filmes de seus desenhos preferidos e mais conhecidos. A criança KR nos diz que assiste com seus amiguinhos e quando o perguntamos o que ele aprende com o filme, ele nos responde “a ficar quieto na mesa”.

É possível perceber que a utilização dessa tecnologia não proporciona experiências instigadoras para as crianças, pois constitui-se como instrumento de ‘engessamento’, reduzindo as possibilidades de exploração do espaço e movimento. Aprender a “ficar quieto” se contrapõe a ideia de que “a criança deve ter possibilidade de fazer deslocamentos e

movimentos amplos nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição, envolver-se em explorações e brincadeiras com objetos e materiais diversificados” [...] (BRASIL, 2009b, p.93).

### Figura 2 - Desenho da Criança AE



#### *Conversa sobre o desenho*

*Pesquisadora: o que você desenhou?*

*Criança: um balanço, o menino e a menina*

*Pesquisadora: O que você aprendeu aqui?*

*Criança: a balançar e ajudar os outros”*

*Pesquisadora: quem ajudou?*

*Criança: X (nome da amiga)*

*(Criança AE - Pré 1 - Setembro de 2018)*

Fonte - Acervo de Pesquisa

Outro momento permanente da rotina é representado pela criança AE - o parque. Os sentidos das crianças sobre o que aprendem, certamente, refletem os modos como interagem e vivenciam essas atividades. São muitos os desafios e possibilidades de transformação que podem acontecer no parque. A criança destaca que aprende “a balançar e ajudar os outros” enquanto brinca no balanço. Os elementos utilizados no desenho de AE: um balanço e corações, areia e o céu azul também nos dizem do significado das experiências ali vividas e das oportunidades de aprendizagem.

Os desenhos das crianças narram diversas histórias, algumas são fora da instituição, com a família, animais de estimação e algumas com os amigos na escola e professora. Identificamos nas conversas sobre os desenhos que, muitas vezes, as experiências representadas rompem com essa diferenciação espacial e temporal.

### Figura 3 - Desenho da Criança MB

**Conversa sobre o desenho**

*Pesquisadora: Desenhou o que?*

*Criança: Uma baleia na água.*

*Pesquisadora: Foi onde?*

*Criança: No mar.*

*Pesquisadora: Foi quando.*

*Criança: De noite.*

*Pesquisadora: Desenhou alguma coisa da escola?*

*Criança: Sim - aponta para o nome dela -*

*Pesquisadora: Aprendeu onde?.*

*Criança: Na escola.*

*(Criança MB - Pré 1 - Setembro de 2018)*

Fonte - Acervo de Pesquisa

Por vezes as crianças escolheram desenhar algo que no olhar do adulto pode parecer distante das experiências da instituição. Assim para compreendermos o que as crianças queriam dizer nos desenhos fazíamos outras perguntas.

A MB desenhou uma “baleia na água [...] no mar [...] de noite” ao que perguntamos “desenhou alguma coisa da escola?” e ela aponta para seu nome, que ela escreveu na folha do desenho - retiramos para manter sua privacidade - parece-nos que para MB “coisa da escola” trata-se de aprender a escrever, e nesse caso o próprio nome. A escrita de seu nome se presentifica para a criança como constitutiva do currículo, como experiência de aprendizagem, “coisa de escola”. Porém, “a escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural” (FERREIRO, 1993), como defende Smolka, “a linguagem escrita faz parte do discurso social no contexto das sociedades letradas e da indústria cultural”. (2012. p. 90), sendo assim, as crianças precisam compreender que escrever é mais do que “coisa de escola”.

A linguagem escrita aparece também no desenho da criança KR, mas de uma forma mais explícita e sistematizada.

**Figura 4 - Desenho da Criança KR**

### **Conversa sobre o Desenho**



*Pesquisadora: O que desenhou?*

*Criança: a professora ensinando a gente a ler*

*Pesquisadora: como é seu desenho*

*Criança: a professora ensinando a gente a ler*

*Pesquisadora: a ler o que?*

*Criança: bola, panela pirulito.*

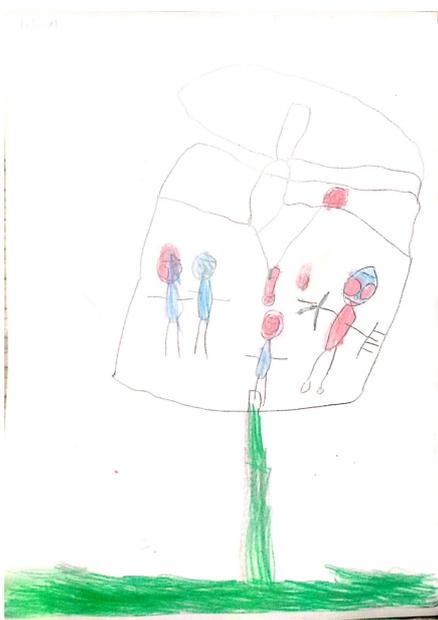
*(Criança KR - Pré 2 - Setembro de 2018)*

Fonte: Acervo da Pesquisa

No desenho acima, a KR do pré 2, desenha um momento na sala de referência, um quadro com sílabas escritas, crianças e a professora. O desenho nos fala da prática curricular realizada com as crianças e como elas atribuem sentido ao que caracteriza esse currículo, o que se aprende na escola. A criança apresenta seu desenho dizendo: “a professora ensinando a gente a ler”. A experiência de aprender a ler e escrever na Educação Infantil aparece no repertório da criança como legítima, com apoio do quadro e da cópia e repetição de palavras que aparentemente não se articulam, não constituem um texto. A linguagem como prática social, de registro, de interação aparece no desenho desconectada de sua funcionalidade, como afirma Smolka (2012. p. 49), “ a escrita, sem função explícita na escola, perde o sentido; não suscita, e até faz desaparecer o desejo de ler e escrever”.

Outros desenhos apresentam a dimensão da criação e imaginação das crianças, nos mostram como a própria experiência de desenhar, de simbolizar cenas, elementos, é também aprendida pelas crianças. No ato de desenhar, as crianças significam e ressignificam seus desenhos e suas interpretações.

### **Figura 5 - Desenho da Criança DS**



### **Conversa sobre o desenho**

*Pesquisadora: Desenhou o que?*

*Criança: Um pau.*

*Pesquisadora: Você brincou de quê com esse pau?*

*Criança: De música.*

*Pesquisadora: Brincou com quem?*

*Criança: com DE, de violão.*

*(Criança DS - Pré 1 - Setembro de 2018)*

Quando pensamos nas culturas das crianças e das infâncias, estas se caracterizam pela ludicidade, brincadeira e imaginação. Imaginar faz parte do modo como as crianças interagem consigo mesma, com seus pares e com o mundo. Quando elas desenham imaginam infinitas possibilidades que são ressignificadas e materializadas na ação do desenhar, e compreendidas nas escutas de suas vozes.

Podemos perceber isso no desenho do DS que diz ter desenhado um pau - representado na cor verde - e seu amigos. Ficamos nos perguntando sobre o destaque do pau no desenho dele. E, quando perguntamos do que DS brincou com esse pau, ouvimos “de música [...] de violão”. O pau transformara-se no violão que tocava suas canções, para ele e seus amigos. E estes estavam ali representados.

Foi possível entrever sentidos construídos pela criança sobre suas experiências na instituição com a música, com instrumentos musicais, com o próprio corpo, envolvendo a interação com outras crianças. O movimento de desenhar e significar seus desenhos antes, durante e após a produção, foi sendo observado em outras entrevistas, como no exemplo do desenho da criança BC.

### Figura 6 - Desenho da Criança BC



#### *Conversa sobre o desenho*

*Pesquisadora: Tá desenhando o que, BC? (A criança pega a caneta da pesquisadora, coloca o rosto próximo à folha) O que é isso?*

*Criança: É da música de Maria.*

*Pesquisadora: Qual Maria? Da história é?*

*Criança: Olha, parece um leão (A criança risca a mão e mostra a pesquisadora)*

*Pesquisadora: Parece com um leão? (A criança volta a desenhar, com o rosto bem encostado na folha, concentrado, e não dá mais atenção a pesquisadora)*

*Criança: Olha aqui tia como tá meu desenho. (A criança se aproxima da pesquisadora com a mesma folha que utilizava no início do desenho, agora com o acréscimo de outras cores)*

*Pesquisadora: Que lindo! O que é? É sobre o quê?*

*Criança: O meu é sobre isso, disso e disso. (A criança fala apontando para folha)*

*Pesquisadora: E o que é isso?*

*Criança: São letras.*

*Pesquisadora: São as letrinhas. Onde estão as letrinhas? (A criança aponta no desenho).*

*Pesquisadora: Leia para mim, quais são as letrinhas.*

*(Criança BC - Creche 2 - Dezembro de 2019)*

Fonte - Acervo de Pesquisa

Conforme íamos passando o tempo em contato com a instituição e desenvolvendo a pesquisa, conseguimos aprimorar nossa atenção para as vozes das crianças. O que pode ser visto neste último quadro com a entrevista ao BC, no qual ficamos mais atentas aos detalhes e as outras linguagens da criança, pois suas expressões e gestos nos falam também.

Observamos que o BC constrói o seu desenho em dois momentos, no primeiro ele retrata uma música, “música de maria”, ele no entanto não nos diz de onde é Maria, se de uma história, se Maria era Mariana do diz que tem, ou se Maria seria a figura religiosa. Podemos perceber também, no segundo momento do desenho, aparece mais uma vez a presença das “letras” como “coisas da escola”. Ademais, a criança demonstra o conhecimento que tem sobre a escrita, para ela, o lápis é utilizado para escrever, porém ainda não faz uma diferenciação clara entre icônico e não icônico, entre desenho e letra.

Conforme nos explicita Ferreiro (1993):

A distinção entre “desenhar” e “escrever” é de fundamental importância(...). Ao desenhar se está no domínio do icônico; as formas dos grafismos importam porque reproduzem a forma dos objetos. Ao escrever se está fora do icônico: as formas dos grafismos não reproduzem a forma dos objetos, nem sua ordenação espacial reproduz o contorno dos mesmos. (FERREIRO,1993. p. 19)

Assim, é possível perceber essa relação que ela estabelece entre escrita e desenho, e a não diferenciação entre ambas, quando a mesma fala “Olha aqui tia como ‘tá’ meu desenho” e posteriormente quando responde: “São letras”, ”Letrinhas de cor”. Ou seja, BC estava desenhando letras.

Muitos desenhos representam as brincadeiras tanto em casa, como na escola. Identificamos, junto com as crianças, desenhos de parquinhos e brincadeiras, momentos de televisão e brincadeiras realizadas no pátio. As experiências narradas nas vozes das crianças mostram-se parte voltadas para práticas de escrita e atividades dentro da sala de referência, num intuito de ensinar a ler e escrever, principalmente nas turmas de pré 2; e algumas apresentando momentos de brincadeiras e relações de experiências com o outro.

Diante dos dados construídos e das análises realizadas, conclui-se que algumas práticas não possibilitam experiências e desafios reais de aprendizagem e significativos para que as mesmas se desenvolvam e aprendam integralmente, considerando a brincadeira como eixo principal desse aprender e desenvolver.

Identificamos que os sentidos construídos pelas crianças sobre os currículos e as experiências vivenciadas na escola, destacam algumas linguagens em detrimento de outras, e nos possibilitam indagar sobre como as atividades não se articulam com os tempos e as

necessidades das crianças. Os princípios da continuidade, da diversidade, da ludicidade e da transformação qualitativa das crianças nas experiências vividas não são observados nas conversas sobre os desenhos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 7ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1995.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução 05 de 2009. CNE/SEB, 2009a.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Parecer 20 de 2009. CNE/SEB, 2009b.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC. CONSED. UNDIME. 2017.

CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Renata Gaspar, 2011. – (Coleção Textos Fundantes de Educação).

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**/Emília Ferreiro: Tradução Horácio Gonzales. - 21. ed. - São Paulo: Cortez, 1993. - (Coleção Questões da Nossa Época; v. 14).

GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. 3. ed. São Paulo, SP: Autores Associados; 2009.

MOSS, P. **Reconceitualizando a infância: crianças, instituições e profissionais**. In: MACHADO, M. L. A. (org.). **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2005.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: alfabetização como processo discursivo**. 13º ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. – (Psicologia e pedagogia).

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. – (Psicologia e pedagogia).

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Currículo; Experiência; Crianças; Desenhos.